

Cortina de galinha

Teófilo Teles Pereira de Arvelos *

Aluno do curso de eletrotécnica integrado ao ensino médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro campus Patos de Minas.

 <https://orcid.org/0000-0002-4127-2593>

Recebido em 13 jun. 2019. **Aprovado** em: 13 fev. 2020.

Como citar esta crônica:

TELES PEREIRA DE ARVELOS, Teófilo. Cortina de galinha. **Revista Letras Raras**, [S.l.], v. 9, n. 1, mar. 2020. p. 233-234. ISSN 2317-2347.

Dona Glória exibia seu maior sorriso. Estava em frente à única janela da sala de sua casa. Mas não eram os movimentos da rua, dos transeuntes da praça e das crianças jogando bola, que eram vistos através do vidro fosco da antiga veneziana, a razão que imprimia tanta felicidade no rosto daquela mãe. Os meninos correndo, a praça pequena e a rua estreita, apesar de transmitirem uma agradável sensação de vida, eram parte de uma paisagem rotineira, acostumada. Paisagem essa que, agora, encontrava-se parcialmente escondida.

Os olhos de Dona Glória brilhavam. Sua mão, como em impulso, como em transe, fez um movimento rápido, brusco, ocultando por completo o mundo externo que havia além da janelinha. Não por aparecer repentinamente uma cena pavorosa do lado de fora, senão para exibir, qual um pavão esbanja suas penas, a sua nova cortina.

A cortina era de um pano pesado, branco. Ganhara no dia anterior, em sua passagem de ano de casamento, dada por uma velha madrinha. O tecido possuía um cheiro antigo, campestre, de despertar memórias. Existiam, nele, estampadas várias galinhas, de um tipo só: ciscando ou fazendo pose, todas tinham as mesmas penas. Estas eram vermelhas, pretas, marrons. Tons indefinidos. Quem de longe olhasse poderia até pensar ser a mesma galinha. Mas, definitivamente, não eram uma.

*
 teofiloarvelos@gmail.com

E, talvez, a mais introspectiva delas estivesse ali em devaneio, a fitar o horizonte, filosofando sobre a vida ou buscando uma resposta à pergunta inexplicável: “Quem nasceu primeiro: a galinha ou o ovo?”. Oh, ali estava ela. Outra, talvez irmã dessa, porém dotada de uma personalidade bem distinta, observava o céu, lamentando a Deus sua vida sofrida e seu destino iminente de acabar um dia na panela de algum almoço de domingo.

Dona Glória olhava, cheirava, acariciava. Apaixonava-se pela cortina. Abria-a e fechava-a, e depois a abria de novo. Lembrava-se de sua infância, no sítio de seu avô Nicolau, velho sisudo e que se amarrava em um pito de palha. Quando pequena, ao ouvir uma galinha cantando, a menina Glória saía a correr descalça, a procurar pelo ninho.

Não lhe restava dúvidas: as aves da cortina eram caipiras! A possibilidade de serem de granja era nula. Galinhas de granja são brancas; não coloridas. São, na clareza das penas, monótonas: toda vida uma pinta só. As da cortina, não, eram vivas, quase saltando para fora do pano, extravasando o universo bidimensional em que viviam presas.

Dona Glória encostou suavemente seu ouvido em uma ave estampada, acomodada em um ninho. Escutou o momento exato em que a galinha deu um pulo, cantando com toda a voz que possuía. A mulher afastou sua face. Contemplou, em silêncio, a alquimia apaixonante que se desenrolava ali.

Seus filhos chegaram da escola, a aproximarem-se da mãe e de sua cortina. “Não respirem, não toquem”, disse uma voz magnetizada da boca de Dona Glória. “Não respirem, não toquem”, repetiu a mulher. “Apenas olhem, apenas escutem. Sintam, viajem. Voem na máquina do tempo, no avião de sonhos”. Os filhos deram passos sutis, para trás, a distanciarem-se daquela senhora incompreendida.

A mãe continuou murmurando algo sozinha. Nem percebera que fora ignorada pelos seus próprios pintinhos. Permaneceu em pé, fitando a cortina. Nos meses que se seguiram, a sala não recebeu mais luz solar direta.